



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

Sem URL

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2022 by UNICAMP/IA. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

AD)) AÇÕES DISRUPTIVAS NO ESPAÇO ACADÊMICO

Daniella Forchetti

Resumo

Observando que o tema acessibilidade ainda passa distante de nossa universidade, com algumas intervenções pontuais e, verificando que, atualmente, há um número ínfimo de estudantes com deficiência dentro da academia, pretendo apresentar o resultado de uma oficina no campo da arte, ativismo e acessibilidade realizado para o Seminário de Pesquisa Mário Santana/ 2022. A proposição está ligada a uma experiência imersiva para inspirar e exalar práticas que vão nos levar ao um pequeno levantamento do que há de acesso no Instituto de Artes – IA/UNICAMP; Mestrado em Artes da Cena e não no teatro de Arena e no seu entorno. Na oficina tivemos a oportunidade de aprender como fazer uma autodestruição e, ao final, ouvir os relatos dessas experiências que serviram para criar um dossiê do que nossos corpos encontraram ou não de acessível, neste espaço acadêmico compartilhado com toda a comunidade.

Palavras-chave: arte; acessibilidade; ativismo; audiodescrição.

Abstract

Realizing that the topic of accessibility is still far from our university, with some specific interventions and, noting that there is currently a small number of students with disabilities within the academy, I intend to present the result of a workshop in the field of art, activism and accessibility held for the Seminário de Pesquisa Mário Santana. The proposition is linked to an immersive experience to inspire and exhale practices that will lead us to a small survey of what is accessible and not in the Arena theater and its surroundings. In the workshop we had the opportunity to learn how to make a self-description and, at the end, to be able to hear the reports of these experiences that served to create a dossier of what our bodies found and not of accessible in this academic space shared with the whole community.

Keywords: art; accessibility; activism; audio-description.

Figura 1



#PraTodosVerem: sobre fundo branco, em preto, símbolo da audiodescrição em tamanho grande, abaixo, em tamanho menor, ações disruptivas.

Esse texto se inicia anunciando que não será redigido na terceira pessoa do singular, com o verbo na voz ativa. Um texto que se pretende disruptivo não revebera na terceira pessoa do singular. Minhas palavras ecoam nós, primeira pessoa do plural, por que aqui a diversidade faz parte e a pluralidade de corpos¹ se faz presente.

Nos tempos que nos encontramos, pós-pandêmicos que assolaram mundo afora, ainda me entristece reconhecer que nossa realidade está mais próxima do passado, arcaico e provinciano, do que de um futuro que busca um golpe fresco de ar. NÃO! Não estamos aqui para falar do mesmo. Por que digo isso? Pois há quatro anos escrevo sobre acessibilidade no campus universitário da Unicamp e pouco se viu de mudanças concretas. Não tenho muito mais fôlego, a pandemia corroeu meu tempo, meus sentimentos, minha bolsa de estudos. E é assim que as coisas vão ficando, inacabadas.

Numa proposição baseada na pesquisa-ação, como prática artístico cultural pautada no ativismo, buscando reverberações na so-

ciopolítica, vamos construir um diálogo entre corpos e lugares. Como esses lugares afetaram nossos corpos, como nossos corpos podem afetar esses lugares?

Proposta

Foi realizada uma travessia sensorial dentro e no entorno do Teatro Arena/UNICAMP, focada na percepção do que é e não é acessível durante o trajeto. Tratou-se de um percurso, em parte de olhos vendados, e em parte de olhos abertos, na observação do ambiente. Trabalhamos num regime de colaboração e cuidado.

Realizamos essas ações como uma experiência individual, em duplas e em grupo de 5 participantes.

Esse trajeto foi selecionado anteriormente, pois antes da pandemia eu já conhecia e tinha verificado os pontos principais de acesso e não acesso, nesta região e próximo da biblioteca central. Outro ponto importante a ser lembrado foi que, no início desse ano, nós tivemos um primeiro grande evento no teatro

¹ Uma forma de representação mais abrangente em relação a palavra corpo e uma escrita que busca ativar uma ação afirmativa. Recomendo leitura: CORPOS/CORPAS/CORPES DISSIDENTES E A CENA ARTÍSTICA: políticas da diferença, de Flávia Meireles.

Arena com a participação de Lula e Haddad, na época, futuros candidatos a cargos públicos, organizado pelos alunos da pós-graduação e por representantes acadêmicos. Infelizmente, esse evento, além de não contar com nenhum tipo de acessibilidade, desconsiderou a presença dos estudantes com deficiência e autistas de nossa universidade, não dando voz para sua realidade vivida na Unicamp. Por isso, mais do que imprimir nossos corpos pelo espaço e reconhecer individualmente as necessidades de mudança, essa oficina pretendeu instigar e afetar as pessoas em seu entorno, presentificando a presença e ausência de acesso através dos registros fotográficos realizados por mim durante o trajeto.

Inspirar

A ocupação dos espaços se deu de maneira investigativa. Numa sequência didática, fomos nos aproximando do que se deu como uma experiência sensorial. Através dela entramos em contato com nós mesmos, só que procurando perceber o mundo de novas formas.

Em primeiro, de costas em dupla nos apresentamos. Uma possibilidade de nos ouvir sem ter a pretensão de nos prender ao visual. Uma auto-descrição em que cada qual se apresentava trazendo suas características principais. Sempre que eu me auto-descrevo apresento inserindo ações afirmativas. Sou uma mulher, cis, mãe de um menino com deficiência. Tenho pele branca, cabelos castanhos avermelhados curtos, na altura do queixo. Você pode conhecer um pouco mais sobre esse tema através do vídeo “Desvelando a Audiodescrição”, assista através do link: <https://youtu.be/iGANXPon36s>.

Realizei esse projeto durante a pandemia e fui contemplada com o PROAC Técnicos de Cultura, com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura e Economia Criativa. Ele também foi compartilhado com todos os participantes que iriam apresentar seus projetos no Seminário de Pesquisa Mário Santana/2022, a fim de disseminar o recurso de audiodescrição como um gesto afirmativo, buscando comprometer cada um dos participantes a essa causa.

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade comunicacional que traduz o que é visual em palavras para pessoas com deficiência visual. Percebo em minha pesquisas que esse recurso está sendo cada vez mais influenciado pela poética, quando diz respeito ao campo da acessibilidade cultural. No Brasil, a legislação que regulamenta o Esporte, Cultura e Lazer aponta que devemos:

Adequar e criar espaço cultural multiuso considerando o desenho universal, nas três esferas de governo, bem como promover eventos culturais com participação das Pessoas com Deficiência com o objetivo de promover a inclusão social. Fazer cumprir a lei de acessibilidade universal em todas as atividades e eventos culturais organizadas por empresas, órgãos e instituições com ofertas de serviços turísticos como, por exemplo, interpretação em Libras, material promocional em Braille, fonte ampliada, tecnologias assistivas e acessibilidade em língua de sinais, audiodescrição, entre outros, possibilitando assim, que as informações turísticas sejam disponibilizadas através da Libras e sistema de voz em passeios, roteiros, visitas, Mostras e Museus, entre outros (BRASIL, 2015).

Observamos que, não só a instituição Unicamp não está adequada as normas técnicas mas também, os professores, funcionários e estudantes não estão atentos a essa realidade, observando que a maior barreira é de atitude. Essa barreira diz de nossa falta, falta de atenção, gentileza, respeito. A falta que é colocada no outro nada mais é que um reflexo de nossa própria existência, apartada de outras pessoas que são diferentes de mim e que eu não consigo me conectar a elas, pelo simples fato delas não estarem presentes. A invisibilidade das pessoas com deficiência começa na infância. Na falta de estrutura das escolas, da falta de comprometimento dos professores, da falta de habilidades de funcionários. Estamos em falta com elas. Posso dizer de minha prática como profissional e mãe há dez anos de um menino com mobilidade reduzida e com necessidades complexas de comunicação que nossa luta é diária. O enfrentamento de ter tomado a decisão de que sim, pertencemos à nossa comunidade e portanto, devemos estar presentes, desfrutando e trabalhando para a melhoria dela.

E foi isso que eu encontrei quando cheguei na Unicamp, um lugar que prepara professores para atuar num mundo diverso que não traz em si a presença da diversidade. Como ter cursos de licenciatura se não temos uma diversidade de realidades entre nossos professores? E também conhecer a falta de diversidade entre nossos funcionários e estudantes. As cotas foram implantadas muito tardiamente, e entre elas, para estudantes com deficiência são as menos contempladas.

Dessa forma, conhecendo e vivendo um pouco dessa realidade na Unicamp que busquei propor essa oficina de arte e acesso, para poder compartilhar junto à outros estudantes minha realidade e a realidade vivida dentro do campus.

Sendo assim, fizemos uma ocupação do espaço do teatro e seu entorno, deixando nossos rastros e registros. Neste ponto, cocriamos um espaço performativo em que os participantes puderam compartilhar com palavras e ações dançantes uma experiência vivida no trajeto, o que foi revelado no quesito acesso ou não, as sensações sensoriais e memórias afetivas despertadas.

Expirar

O que nos afetou e o que faremos com nossos afetos à partir dessa experiência?

Vamos corporificar o ambiente a nossa volta e nos colocar no lugar de passagem. Paulo Freire nos apresentou a possibilidade de “ser a

corporificação da palavra pelo exemplo” (p.19, 1987), quando dialogava com os educadores. Podemos nós, artistas-pesquisadores, sermos atravessados pelo meio, impregnando nossos corpos na relação arte e acesso? Ao fechar os olhos, entramos em contato com novas realidades, despertando outros sentidos, sublimados pela visão que impera nas nossas relações espaciais.

Sou grata a cada participante por se entregar neste processo e colaborar para novas descobertas através de suas experiências com o espaço. Foram estudantes de graduação do Instituto de Artes da Unicamp, participantes do Seminário Interno de Pesquisas do PPG Artes da Cena “Mário Santana”, 2022. Desde o início foi colocado a importância do comprometimento nesta oficina de mapear a presença e ausência de acesso. Compartilho agora com vocês um dossiê, através de fotos que revelam nossas experiências sensoriais e propositivas. São derivas conduzidas dando início no lado de fora do Teatro Arena, caminhadas em direção à Biblioteca Central e a entrada no saguão do prédio.

O registro fotográfico foi realizado por mim, com a autorização das participantes. A cor esmaecida foi escolhida para dar um tom a forma e revelar um certo apagamento das memórias.

Também realizei a descrição das imagens, associando a palavras-chaves poéticas compartilhadas ao longo do caminho.

Figura 2



#PraTodosVerem: fotografia colorida, na horizontal esmaecida das pernas de cinco pessoas enquanto caminham, sobre um piso de cimento áspero.

PASSOS COMPASSOS CHÃO SENSACÃO CAMINHOS SENTIDOS

Figura 3



#PraTodosVerem: fotografia colorida, na horizontal, esmaecida, de cinco pessoas de máscara cobrindo nariz e boca, enquanto caminham sobre um piso de concreto. Estão com o corpo de perfil, voltadas para o teatro arena no fundo, com árvores e um gramado.

Figura 4



#PraTodosVerem: fotografia colorida, na horizontal esmaecida de duas participantes dançando, uma deitada sobre a escada que leva ao palco, com a máscara cobrindo nariz e boca e, outra deitada sobre a borda do palco circular, pintado com desenhos geométricos que remetem a origem indígena. Pessoas sentadas nos bancos no fundo.

SUBIR ELEVAV ERGUER ASCENDER DESCER DESPENCAR

Figura 5



#PraTodosVerem: fotografia colorida, na horizontal esmaecida de três participantes dançando com uma máscara cobrindo nariz e boca. Uma está à frente, com as costas deitada sobre a escada e uma perna apoiada sobre o palco. Outras duas mais ao fundo, sobre o palco, uma sentada e outra agachada. No fundo, árvores e uma plateia ao longe.

Figura 6



#PraTodosVerem: fotografia colorida, na horizontal esmaecida de cinco participantes dançando sobre o palco. Estão no plano baixo, duas rolam, duas apoiadas sobre um dos braços e outra, apoiada sobre a cabeça e braços e as pernas estendidas com o quadril para o alto. No fundo, árvores e uma plateia ao longe.

GIRAR ROLAR RODAR VIRAR PERMANECER RESISTIR

Figura 7



#PraTodosVerem: fotografia colorida, na horizontal esmaecida de cinco participantes sobre uma vaga, na diagonal, de um estacionamento para pessoas com deficiência física. Na frente, em branco, OFICIAL e CRED... e o símbolo de pessoa com deficiência física. Duas participantes estão deitadas, uma de lado e outra de barriga para cima, uma participante com as pernas em v para o alto, outra com as pernas dobradas e os pés apoiados no chão e uma sentada com as pernas cruzadas e o tronco reclinado para frente.

Figura 8



#PraTodosVerem: fotografia colorida, na horizontal esmaecida de cinco participantes. Elas rolam em direção ascendente, sobre uma escada, com os olhos fechados. Estão na frente da Biblioteca Central Cesar Lattes.

ROLAR VIRAR ASCENDER CAMINHAR PERSISTIR EXISTIR

Figura 9



#PraTodosVerem: fotografia colorida, na horizontal esmaecida de quatro participantes de pé, com uma máscara cobrindo o nariz e a boca. Caminham sobre um piso podotátil vermelho, na entrada da Biblioteca Central Cesar Lattes.

Exalar

Figura 2 e 3. Elas representam o entorno do Teatro de Arena. O caminho de chão de cimento, muitas vezes quebradiço e remendado é intercalado por jardins de grama, com árvores e arbustos. Eles nem sempre são nivelados, apresentando alguns buracos pelo trajeto. Não há nenhum tipo de sinalização ou mesmo algum piso podotátil no entorno. As participantes tiveram a oportunidade de caminhar de costas de olhos fechados, criando uma nova relação com o espaço. Caminhar em grupo, aguçar a audição e ouvir a respiração do grupo auxilia na conexão do grupo com o espaço. De tempos em tempos eram lembrados como estavam seus pés, sua forma de pisar e sentir o ambiente, trazendo a possibilidade de arrastar ou deslizar pelo espaço. Como nos deixamos nos afetar pelo espaço?

Figura 4, 5 e 6. Na entrada o teatro observamos uma rampa de acesso com um corrimão de cada lado. Nas laterais temos os acentos, em formato de grandes bancos distribuídos como escadas, não há como acessar com uma cadeira de rodas ou com muita dificuldade uma pessoa com mobilidade re-

duzida. Dessa forma, só resta a pessoa com cadeira de rodas ficar na frente, junto ao palco. Com relação ao palco só é possível subir através de escadas, isso quer dizer que este lugar pertence aqueles que conseguem subir escadas, e sem corrimão, apenas uma plataforma. Por que quem criou não imaginou que esse lugar poderia ser ocupado por uma pessoa com deficiência física? No palco não há nenhuma borda de proteção no piso, transformando esse ambiente em um lugar de risco para uma pessoa com deficiência visual ou com baixa-visão. Será que o lugar de destaque não pertence as pessoas com deficiência?

Figura 7. A ocupação da vaga para pessoa com deficiência física foi antes experimentada de outra forma. Como a pessoa com deficiência que está na biblioteca central irá chegar até essa vaga? Ela está pintada sobre outra marcação feita anteriormente nos mostrando que era uma vaga oficial apenas para pessoas credenciadas. Ela está pintada na frente das escadarias da biblioteca, o que é inviável o lugar, já que a pessoa com deficiência física não usaria esse acesso para transitar. Quem selecionou essa vaga será que pensou no usuário dela?

Figura 8. As participantes chegaram à biblioteca caminhando de costas e de olhos fechados. O primeiro desafio foi atravessarem de um lado para o outro da calçada, sabendo que ali é um lugar de passagem de carros. Para nosso benefício, as lombadas elevadas fazem com que o motorista preste mais atenção ao caminho. Também temos de dizer que dentro da Unicamp o pedestre tem preferência, uma prática de gentileza e atenção com o viver em comunidade. Depois disso, as participantes foram de encontro as escadas e convidadas a ascender de uma forma não convencional do que subir caminhando de pé. Cada uma ao se relacionar com a escada encontrou novas formas de deslocamento e esperaram até que todas, ao seu tempo, chegassem no topo. Quanto tempo nosso gastamos para caminhar juntos com quem convivemos? Estamos com nossa escuta ativa e aberta ou, presos aos nossos umbigos? Foi solicitado para que as participantes encontrassem um lugar para retornar de cima para baixo que não fosse pela escada. Percebemos que a única possibilidade seria sair pelo lado esquerdo, que não tem as escadas para poder retornar ao teatro Arena e atravessar a rua.

Figura 9. Percebemos que o entorno da biblioteca não tem os mesmos pisos podotáteis de dentro da biblioteca. Mas, essa experiência será compartilhada em outro momento, já que nossa vivência se circunscreeveu ao teatro de arena e seu entorno.

Deixamos perguntas como respostas

Quais são suas responsabilidades diante desses fatos? Existe um lado num mundo circular? Por que as pessoas ainda questionam se a Terra é plana? Quem criou esse juízo de valores? Quem construiu esse lugar tinha algum

parente com deficiência? Quando você passa por aqui já encontrou algum obstáculo pelo caminho ou você é uma pessoa privilegiada?

Privilegiado somos todos nós bípedes, de pele branca, circulando por esse território como se nada de errado estivesse acontecendo.

De um passo para atrás e observe novamente. O que você pode fazer para mudar essa realidade?

Sua neutralidade nos leva ao silenciamento e a falta de pertencimento.

Seu descaso nos coloca numa posição de um país subdesenvolvido.

Sua falta de empatia contribui para a invisibilidade das pessoas com deficiência e toda uma população que está fora da linha do privilégio, nas bordas, as margens.

Enquanto o espaço acadêmico não for ocupado por profissionais e pessoas com deficiência ainda persistiremos num discurso falando pelo outro. É importante que nós nos mobilizemos para enfrentar uma realidade sem acesso e discriminatória, que ainda prioriza a meritocracia para se adentrar na universidade, sem pensar nas consequências devastadoras que estamos fomentando com essa desigualdade social e econômica.

O movimento das pessoas com deficiência se resume em falar por nós mesmos. Ele trata de como é ser uma pessoa com deficiência. Ele trata de como é ter este ou aquele tipo de deficiência. Ele trata de exigir que sejamos respeitados como os verdadeiros peritos a respeito de deficiências. Ele se resume no lema Nada Sobre Nós, Sem Nós (Sasaki, 2007, p.20).

Vamos resgatar neste lugar formas de cocriarmos um novo movimento junto aos estudantes, através de ações disruptivas que nos projetam para criar um novo presente, com a presença de TODOS!

FORCHETTI, Daniella. AD))) **Ações Disruptivas no espaço acadêmico.** Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP; Instituto de Artes- IA/UNICAMP; Doutorado em Artes da Cena – IA/UNICAMP; Ana Maria Rodriguez Costas.

REFERÊNCIAS

BRASIL LEI Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (**Estatuto da Pessoa com Deficiência**). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 18 out. 2022.

CHAIA, M. Artivismo, política e arte hoje. **Revista Aurora**. PUC/SP, 1: 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/6335/4643>. Acesso em: 03 mar. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MEIRELES, F. CORPOS/CORPAS/CORPES DISSIDENTES E A CENA ARTÍSTICA: políticas da diferença. **MORINGA - Artes do Espetáculo**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.2177-8841.2020v11n1.53469. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/53469>. Acesso em: 14 nov. 2022.

SASSAKI, R.K. Nada Sobre Nós, Sem Nós: da integração à inclusão. Parte 2. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n. 58, set./out. 2007, p. 20-30. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s2.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2021.